



## OS BANHOS: RECREAÇÃO POPULAR EM FEIRA DE SANTANA

### THE BATHS: POPULAR RECREATION IN FEIRA DE SANTANA

Pedro Alberto Cruz de Souza Gomes<sup>1</sup>

#### RESUMO

Esse artigo investiga os banhos como parte dos usos recreativos dos mananciais de Feira de Santana-BA, na primeira metade do século XX. O texto apresenta e problematiza como os diferentes grupos sociais se utilizaram das águas para fins de lazer. Atentamos para as lógicas de uso e interdição das águas, conforme as estruturas de poder em curso. As disputas dessa forma de lazer evidenciam como elementos culturais, como os banhos, eram fundamentais na vida de trabalhadores e trabalhadoras de Feira de Santana. As fontes utilizadas nesta pesquisa foram jornais, processos-crimes e livros de memória.

**Palavras-chave:** Feira de Santana; banhos; lazer; conflitos.

#### ABSTRACT

This article investigates “the baths” as part of the recreational uses of the springs of Feira de Santana-BA, in the first half of the 20th century. The text presents and problematizes how different social groups used the waters for leisure purposes. We look at the logic of water use and prohibition, according to current power structures. The disputes over this form of leisure show how cultural elements, such as baths, were fundamental in the lives of workers in Feira de Santana. The sources used in this research were newspapers, criminal proceedings and memory books.

**Keywords:** Feira de Santana; baths; leisure; conflicts.

Feira de Santana está localizada a cerca de 116 km de Salvador, na região do agreste baiano e do polígono das secas nordestino. Parte dos mananciais da região secam durante os períodos de estiagem (FREITAS, 2014, p. 87). As estiagens são fenômenos climáticos que marcaram a história do município em diversos momentos. Por isso, quando se trata de água e sua disponibilidade, as secas estão no horizonte cultural no que diz respeito aos usos e proveitos que se faz das águas.

Conhecida como Sant’ana dos Olhos D’água, Feira de Santana-BA tem a presença de aguadas como característica marcante de sua paisagem. Parte da identidade da população feirense com o território está relacionada à forma como as águas eram usadas para atividades de trabalho, sociabilidade e lazer (GOMES, 2023).

---

<sup>1</sup> Graduado e mestre em história pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: [pedroalberto.gomes@gmail.com](mailto:pedroalberto.gomes@gmail.com). Este artigo é uma adaptação de parte da investigação desenvolvida no mestrado junto ao PGH/UEFS, mais especificamente no cap. 3 (GOMES, 2023).



Os banhos foram muito comuns em mananciais nos ambientes rural e urbano. Diferentes camadas sociais utilizaram as águas como forma de recreação e asseio, embora de forma diferente. As atividades de lazer nos tanques do campo podem ser visualizadas como parte da cultura local. O debate histórico sobre os banhos é escasso, sobretudo como parte da cultura dos trabalhadores pobres, embora haja trabalhos relevantes sobre as experiências de trabalhadores na cidade e no campo (ALVES, 2013; SILVA, 2012; OLIVEIRA, 2016). Em relação às produções investigaram as recreações das elites, também predomina o silêncio em relação aos banhos nas aguadas (SANTOS, 2012).

Destaquei dois estudos que tocam na questão dos banhos em Feira de Santana, o primeiro é a produção desenvolvida por Andréa Santos Teixeira da Silva, que estudou os impactos da implantação da BR 324 no modo de vida dos moradores de Humildes, percebendo a tensão pelo uso dos mananciais privados e como o banho nas aguadas esteve atrelado à cultura dos camponeses do distrito (SILVA, 2008).

Natane Brito Araújo analisou as alterações na relação da população com as águas da Lagoa Subaé. Dialogando com aporte teórico e metodológico ligados à história ambiental, a autora percebeu que o banho era atividade muito praticada até a década de 1980, enquanto exercício coletivo e desenvolvido por diferentes sujeitos. Desde então, os processos de poluição e a redução da área da lagoa, contribuíram para o escasseamento das antigas práticas (ARAUJO, 2019).

Para ambas as autoras, os banhos foram importantes elementos da cultura de trabalhadores pobres, no campo e nos arredores do centro urbano. Os trabalhos também concordam que esta prática cultural foi modificada diante de processos de alteração dos modos de vida das populações de Feira de Santana em diferentes lugares.

Embora os textos ajudem a entender as formas de uso recreativo das águas, diversas questões permanecem abertas: os diferentes grupos sociais utilizavam as águas de forma diversa quanto o tema é lazer? Havia costumes locais que disciplinassem a prática de banho? Os banhistas sofreram perseguição policial ou campanhas repressivas? Houve tensões em relação aos banhos em mananciais privados?



## OS BANHOS NO AMBIENTE RURAL: COSTUME E TENSIONAMENTOS

Pedro Cerqueira da Silva faleceu por afogamento em uma fonte na comunidade de Guaribas, distrito de Almas, em 1902. Ele estava com várias pessoas que presenciaram o acontecimento.

O clima era de brincadeira, todavia a diversão se tornou tragédia quando perceberam que o colega não sairia vivo da água. Um dos presente era Manoel Ventura Pereira, natural e residente em Almas, com vinte e seis anos, solteiro e lavrador. Ele relatou que estava com: “mais companheiros dentro d’água e o Pedro Silva estava na beira d’água também tomando banho. Eu disse: Pedro vamos nadar. Ele levantou-se e agarrou-se comigo” (CEDOC/UEFS, E: 02 Cx: 45 Doc: 753, 1902).

Existia entre eles o clima de descontração e desafio. Pedro não sabia nadar e aceitou o convite para subir sobre Manoel, que iria carregá-lo água adentro. A brincadeira explicita a busca de interação entre os banhistas, que antes ocupavam lugares diferentes na fonte, quando Pedro tomava banho na beira do manancial.

Conforme os presentes, quando notaram que Pedro demorou de sair da água, passaram a procurar pelo companheiro e depois pediram a ajuda de um mergulhador (alguém com maior habilidade na imersão nas águas). Segundo Manoel, o corpo foi encontrado “já morto no fundo d’água agarrado em um pau de cerca que tem dentro da dita fonte” (CEDOC/UEFS, E: 02 Cx: 45 Doc: 753, 1902).

A partir do caso narrado, se pode pensar aspectos da recreação coletiva no ambiente rural de Feira de Santana. O banho, enquanto prática social, é composto pelo caráter lúdico e existência de brincadeiras. O que evidencia experiências pouco investigadas em âmbito local, mas muito corrente nas comunidades rurais. Tudo indica que a Fonte Grande fosse muito utilizada pelos moradores do entorno, ao menos para apanhar água para o banho e gasto residencial.

Em muitos casos, os banhos eram atividades não recomendadas em propriedades privadas, o que era tanto tolerado como burlado conforme os interesses dos usuários e a capacidade de repressão dos mandatários. O impedimento do banho foi palco de desentendimento entre dois trabalhadores rurais que prestavam serviços na fazenda Papagaio, em 1939. A unidade produtiva fazia parte do projeto do governo do Estado da Bahia para incrementar o setor agropecuário no interior do estado. Em depoimento, Sabino disse que a questão se tornou conflituosa porque ele:

Tendo recebido ordens do administrador da Fazenda para não consentir que os trabalhadores tomassem banho no tanque, encontrou diversas vezes Antônio de Mattos, também trabalhador da fazenda, tomando banho no tanque; que mais de uma vez, fez ver a



Antônio que tinha ordem para proibir o banho ali e este continuava desobedecendo; que assim ele respondente fez chegar ao conhecimento do administrador da fazenda as desobediências de Antônio e por isto Antônio ficou aborrecido com ele respondente (CEDOC/UEFS, E: 05 Cx: 125 Doc: 2472, 1939-40).

O banho não era algo de menor importância no ambiente rural de Feira de Santana, a proibição colocou em oposição dois trabalhadores, mobilizados por interesses diferentes. Como atividade de recreação, o banho poderia ser tolerado por proprietários a depender de diversos fatores, mas era proibido em certas propriedades. Em geral, dependia da vontade do proprietário e do uso que se fazia das águas. O consentimento e a proibição poderiam ter lugar numa mesma propriedade, quando o estipulado era não haver banho num manancial específico, ou quando a prática era autorizada em determinada aguada. Embora os proprietários proibissem, nem sempre as recomendações eram cumpridas. O jogo de interdição e burla faz parte do cenário de tensão pelos usos recreativos das águas no ambiente rural.

No caso em questão, a leitura da voz de comando é precisa: os trabalhadores não deveriam tomar banho. Talvez existisse uma regra anterior, e de conhecimento geral, que proibia os banhos de pessoas de fora da fazenda, restando disciplinar os trabalhadores. Sabino se comportou como homem de confiança do administrador, desaconselhando os reiterados banhos de Antônio. É possível que o banhista tivesse lançado mão de artimanhas que abrandasse o efetivo cumprimento da ordem, pois, ele não contava com tamanha determinação por parte do companheiro de trabalho. Em seguida a delação, Antônio arrumou uma forma de se vingar do colega. Conforme os depoimentos de Sabino e de algumas testemunhas, a atitude do companheiro teria desagradado Antônio, que o agrediu a cacetadas quando estava na estrada de volta do trabalho.

É possível ler as reprimendas de Sabino e a intervenção do administrador da fazenda como uma tentativa de disciplinar as práticas do trabalhador por não estarem de acordo com o modelo de gestão racional, com o objetivo de otimizar o uso dos recursos naturais de maneira a gerar lucro. A fazenda funcionava como propriedade modelo na época, proporcionando alternativas viáveis de uso dos elementos naturais e incorporação de técnicas eficazes nas “propriedades agrícolas”, conforme analisou Sônia Regina de Mendonça (MENDONÇA, 1997). O objetivo da iniciativa era demonstrar que era possível produzir diferentes gêneros de maneira lucrativa.

A referida fazenda foi descrita no relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, em 1939, como produtora de hortaliças e contava algumas olarias. Ambas as



produções utilizam água, talvez esse fosse um dos motivos da proibição. Na economia dos usos das águas propostos pela administração da fazenda, os banhos não eram aceitos por não estarem em conformidade com o “melhor” aproveitamento do líquido.

Os gestores da fazenda não negligenciavam os serviços de manutenção da propriedade. Em 1942, por exemplo, um pedreiro se acidentou ao reparar o telhado da fazenda (FOLHA DO NORTE, 1942). Em 1948, circulou no jornal *Folha do Norte* um anúncio de contratação, com oferta de moradia e água para empregado que desempenharia a função de “auxiliar de campo”. Os requisitos esperados dos interessados eram ser “alfabetizado” e ter “prática de trabalhos rurais”, de preferência “casado com o máximo de 2 filhos”. O ordenado a ser pago era diária de Cr.\$12,00 (doze cruzeiros) (FOLHA DO NORTE, 1948). Exceto a falta de alfabetização do empregado agredido, a descrição se assemelha às características com as quais Sabino se identificou no auto de acusação. Havia a expectativa de que uma pessoa com tais características cumprisse com a disciplina preconizada.

O aparato técnico mobilizado nas produções da fazenda Papagaio destoava da forma como o funcionário interpretava a questão. O banho realizado pelo trabalhador demonstra que, do ponto de vista de Antônio, não havia uma separação rígida entre trabalho e lazer, uma vez que os depoimentos sugerem que ele se banhava repetidas vezes no tanque da fazenda (THOMPSON, 1998).

Andréa Silva atentou para o caráter lúdico do banho de fonte entre os produtores rurais da região de Humildes. Segundo a autora, havia o costume dos lavradores estabelecerem tarefas laborais diárias para os filhos. Ao terminarem as atividades, as crianças e adolescentes se dirigiam para a fonte para tomar banho, o que a articulista visualizou como forma “catártica” de descontração, posta em cena para redimi-los das árduas horas de trabalho (SILVA, 2008, p. 61-62).

A questão da imbricação entre trabalho e lazer é cara para a historiografia social (THOMPSON, 1998). No Brasil, há diversas contribuições nesse sentido, uma vez que demonstra a tentativa de padrões em disciplinar as ações dos trabalhadores e aponta para resistências à imposição da racionalidade produtivista sobre os costumes (CHALHOUB, 2012; FRAGA, 2014; REIS, 1988). O caso narrado acima, expressa apenas algumas páginas de um processo maior de tentativa de apropriação dos recursos naturais para fins mercantis.



## O BANHO FEMININO: AS PRÁTICAS E OS SILENCIAMENTOS

A prática de banho por parte das mulheres parece ter sido bastante desaconselhada, sobretudo no campo, encontramos poucos casos de banhos femininos e alguns deles sob uma ótica depreciativa. A escassez de fontes não necessariamente quer dizer que as mulheres não se banhavam nos mananciais, mas se relaciona com o silenciamento dessa prática bastante reprimida pela moral que as elites tentavam impor.

Uma notícia circulada no jornal *Folha do Norte*, em 1945, é sugestiva sobre o que se pensava das mulheres que se aventuravam aos banhos. A nota foi publicada na seção de “ocorrências policiais” e informou sobre a morte, por afogamento, de uma mulher que tomava banho num poço, do lugar chamado Pedreira de Leocádio. O fato teria ocorrido no dia 23 de setembro, às 14h30min. A falecida se chamava Angelina Moreira, segundo o texto, ela “fora com outras companheiras tomar banho num poço naquele local”. O articulista se referiu a Angelina como “mundana”, acrescentando que ela era “de cor parda, com 18 anos” e que “se encontrava em estado de embriaguez” no momento da fatalidade (FOLHA DO NORTE, 1945).

Toda a construção discursiva é explícita em desaprovar a prática e culpar Angelina por ser mulher e se permitir a reproduzir um comportamento tipicamente masculino. O que podemos extrair das palavras sobre o fato, é que Angélica tomava banho num poço com outras companheiras e usando álcool. A prática descrita é uma atividade recreativa muito exercitada na região, que nos ajuda a quebrar o silêncio.

Maria Odila Leite da Silva Dias evidenciou a dificuldade de visualizar a complexidade das ações de mulheres pobres nos documentos elaborados por mãos masculinas, referentes à São Paulo do século XIX. A historiadora apontou o conjunto de estereótipos que encobrem o que deveria ser a descrição da atuação mulheres em sociedade. Nas narrativas elas “raramente apresentam a individualidade de personagens históricas. São forças outras, misteriosas, desconhecidas, às vezes perigosas” (DIAS, 1995, p. 40).

A leitura dos processos-crimes permite a imersão na complexidade da experiência de vida das mulheres, embora seja necessária a leitura cuidadosa e crítica das passagens de texto a fim de entender melhor as experiências femininas. Em um caso ocorrido no distrito de Anguera, no ano de 1952, o adjetivo “mundana” recaiu sobre a falecida Maria Ester de Brito (CEDOC/UEFS, E: 04; Cx: 110; Doc: 2284, 1952).



A ausência de informações iniciais e testemunhas, pesou para que a tese de homicídio ganhasse força. Três pessoas foram suspeitas. Apenas Luiz Bezerra da Silva foi indiciado, julgado e absolvido em júri popular. Ele se identificou como paraibano, 30 anos, solteiro, cor parda, pobre, ajudante de pedreiro e religião católica. Diferente de Luiz, Firmo Almeida da Silva e Maria Angelina da Silva estavam distante da vítima quando ela foi a óbito. Firmo se identificou como natural de Tinguatiba (atual Antônio Cardoso), com 43 anos, solteiro, lavrador, cor preta e religião católica; Maria Angelina se declarou natural de Riachão de Jacuípe, com 39 anos, dois filhos menores, solteira, doméstica, preta e católica.

A declarante Maria Gonçalves de Almeida disse que no dia do ocorrido “passavam umas mulheres vindo trazendo água e falavam então que tinham visto um corpo”. O manancial era um tanque público, utilizado para atividades diversas e ficava perto de uma das extremidades do arruado. A localização favoreceu a ida dos banhistas ao tanque. Eles saíram de uma “festa na casa de Senhora”, situada numa ponta de rua. As quatro pessoas, movidas pelo calor da dança, decidiram se banhar nas águas do manancial ao fim do festejo.

Segundo os presentes, Luiz Bezerra da Silva atendeu aos desejos de Maria Ester de Brito e foi numa quitanda comprar uma garrafa de cachaça. O depoimento de Angelina Maria da Silva apresenta detalhes:

Após chegarem, Luiz e Firmo trazendo a bebida, Maria perguntou se trouxe a bebida e Luiz respondeu que sim. Ela saindo ao encontro dele, ingeriu a quantidade que lhe foi suficiente e mais uma vez continuou a tomar banho, quando Luiz também entrou no tanque para tomar banho e lá ficaram juntos, ficando ela respondente sentada junto com Firmo. à espera que o seu corpo esfriasse. Continuando, Maria e Luiz brincando dentro da água, momento depois saiu Luiz dizendo que Maria estava morta (CEDOC/UEFS, E: 04; Cx: 110; Doc: 2284, 1952).

A descrição do banho a dois oculta nas entrelinhas a relação sexo-afetiva que se insinua nos recortes “lá ficaram juntos” e “brincando dentro da água”. Segundo o depoimento de algumas testemunhas, o casal mantinha relações sexo-afetivas. O irmão da falecida revelou que pessoas teriam ouvido “gemidos na lagoa”, durante a madrugada. As águas foram palco de práticas sexuais em outros lugares e ocasiões. O romance *Setembro na Feira*, de Juarez Bahia, traz uma cena em que os protagonistas Adélia e Florêncio, ambos de famílias pobres e residentes no bairro Queimadinha, se enlaçam fogueiramente as margens do Rio Jacuípe, próximo à Ponte



do Rio Branco, em Feira de Santana (BAHIA, 1986, p. 83). Janes Jorge também destacou a alusão sexual feita em um jornal, no ano de 1935. Divulgadas como “cenas inconvenientes” ocorridas à noite, no local de nome sugestivo: “Ponte dos Amores”, sobre o rio Tietê, em São Paulo (JORGE, 2017, 124).

Conforme o auto processual, “foi encontrado o cadáver de uma mulher [...] de cor parda, despida, sem apresentar ferimento algum, tendo encontrado as vestes penduradas em uma cerca existente próximo ao dito tanque” (CEDOC/UEFS, E: 04; Cx: 110; Doc: 2284, 1952). Segundo Maria Angelina da Silva, “chegando Maria Ester de Brito foi logo se despindo e entrando na aguada”. Não há, por parte dos depoentes, o estranhamento da atitude da mulher que retira a roupa antes de entrar na água, o que pode indicar que, apesar das tentativas de controle sobre o corpo feminino, essa era uma prática comum entre os grupos subalternos.

A testemunha Hildebrando Borges da Silva utilizou todo o seu poder imaginativo para afirmar, antes que qualquer pessoa citada no processo, que “presume ter sido essa morte influenciada por outras pessoas, pois, conhecia bem a Maria Ester e acha que só não iria à aguada fora de horas tomar banho”.

A análise das entrelinhas do depoimento permite entender que a finada se banhava no manancial em horários considerados não-excepcionais, o que reforça que a prática do banho era exercitada por outras mulheres no local. A testemunha parece compartilhar da ideia de que houve, de fato, a prática de banho na aguada, embora acredite ser uma atividade coletiva articulada por pessoa(s) que pudesse(m) influenciar a Maria Ester de Brito. Talvez a leitura cuidadosa dos indícios, como a existência de roupas na cerca e de o corpo ter sido encontrado despido à beira da água, com apenas os pés submersos, tenham mobilizado a astúcia da testemunha.

Quebrar o silêncio sobre os banhos femininos envolve não apenas demonstrar que as mulheres se banhavam nas aguadas, mas entender a complexidade das relações de classe, raça e gênero nas quais eles se moviam. Se havia padrões de conduta preconizados pelas elites, também existia uma cultura subalterna movimentada pela ação de mulheres e homens comuns. A produção de espaços recreativos, no diz respeito às águas, foi marcada pelo estabelecimento de diferentes “lugares” de pertencimento, não apenas do ponto de vista territorial, mas também simbólico.





## **E OS BANHOS DAS ELITES? “EXERCÍCIOS E BRINCOS”**

Era prática corriqueira, na primeira metade do século XX, que integrantes das renomadas famílias feirenses saíssem a passeio para desfrutar as belezas naturais dos locais próximos da cidade e alhures. Olhares opostos dos direcionados às falecidas Angelina e Maria Ester seriam vistos em caso em que membros das elites feirenses sofresse um lamentável e fatal acidente. Foi algo próximo disso que aconteceu numa manhã de outubro de 1940, quando o jovem Rubens Ramos pereceu ao tentar socorrer um colega de nome Grymaldo. A notícia laudatória do jornal *Folha do Norte* foi intitulada: “Lamentável ocorrência num dos poços do Jacuípe”. Na matéria, foram citados diversos elementos da vida do falecido, ele era estudante do colégio Santanópolis e sua família era residente em Serrinha. Rubens Ramos morava na praça de Sant’ana, era um bom nadador e participava do Brasil Esporte Clube, de Feira de Santana.

Para além dos elementos da sua vida, a reportagem desnudou outros detalhes, como a queda de um “aguaceiro” que “os induziu a tomar novo banho, agora, no rio, enquanto as roupas que vestiam ficavam a secar” (FOLHA DO NORTE, 1940). O texto revelou que houve um almoço antes da chuva e o novo banho suscitado pelo temporal.

Os detalhes são muitos e permitem perceber a recreação praticada no poço e o cenário em questão: “os jovens passeantes arraiaram para o almoço próximo ao referido curso d’água, entregando-se pouco depois a vários exercícios e brincos”. Após a forte chuva, os rapazes teriam novamente caído na água, ao que segue: “todos atiraram-se ao poço denominado da Areia, cuja profundidade atual [...] não excede os dois metros e entraram a nadar” (FOLHA DO NORTE, 1940).

Segundo a notícia, o local onde o acidente aconteceu distava cerca de seis quilômetros de Feira e ficava próximo do encontro entre os rios Jacuípe e Paraguassú. Rubens Ramos estava acompanhado de Grymaldo Andrade, Aroldo Araújo, Clóvis Mascarenhas e Edgard Falcão. O encontro já havia sido combinado e adiado anteriormente.

A narrativa permite entender o nível de organização com que as elites e grupos remediados produziam os seus rituais de socialização. Tais passeios parecem ter sido comuns e, muitas vezes, tinham um caráter familiar. Talvez a distância que se tomava da cidade pode ser reveladora da tentativa de quebra da rotina, ou mesmo pela busca de aproximação com um meio ambiente idealizado em face do corrente processo de



destruição, já que parte da população local tinha contato com a natureza de diferentes formas nos arredores da cidade.

O memorialista Antônio do Lajedinho fez menção aos passeios realizados por pessoas de famílias abastadas e remediadas de Feira de Santana. O autor citou as matinês dançantes no rio Jacuípe. Conforme o texto, a ponte era espaço de encontro para realização de “grandes piqueniques”. A maneira de chegar ao local se modificou com o passar do tempo, “a princípio caminhando e depois em pequenos caminhões e, posteriormente, em marinetes” (FERREIRA, 2006, p. 53).

Segundo Lajedinho, não poderia faltar uma boa feijoada e música para embalar os presentes. Sobre os banhos, a lembrança é taxativa em dizer que “tinha os lugares definidos de homens e mulheres”. O banho das mulheres se adequa a uma ordem moral que não perturba o patriarcado. As camadas abastadas da cidade desenvolveram um ritual de separação por gênero e estreita vigilância do comportamento feminino que possibilitaram os banhos femininos.

Em outros documentos encontrei menção a banhos que incluíram homens e mulheres. A leitura da documentação aponta tanto para um processo de imposição de uma conduta moral restritiva, quanto para fazeres nos quais homens e mulheres se lançavam nas águas sem locais de separação, embora consideremos que mesmo nesses casos os papéis de gênero pode ter levantado outros elementos de diferenciação.

Não apenas a população pobre da cidade buscava o lazer das águas. As camadas médias e altas também tinham nos poços e rios lugares de recreação. Entretanto, é preciso entender a busca de lugares mais afastados da cidade como rios e poços da área rural como uma tentativa de afastamento da recreação exercida pela população pobre urbana e muitas vezes criminalizada nas páginas jornalísticas. Os piqueniques funcionam como rituais de socialização das camadas médias e altas, em que fortaleciam as identidades grupais e, ao mesmo tempo, buscavam se distinguir dos pobres habitantes dos subúrbios.

## **OS BANHOS NO ESPAÇO URBANO**

Parte dos tanques, fontes e lagoas públicas estavam situadas nos subúrbios da cidade. As práticas de lazer e recreação exercitadas nos tanques foram alvo de discursos criminalizadores, por parte do jornal *Folha do Norte*. A pretensão de dotar o centro urbano de ares mais civilizados fez com que os subúrbios fossem vistos pelos jornais e autoridades locais de maneira discriminatória (OLIVEIRA, 2016, p. 281-282).



O Tanque Novo, situado no bairro Baraúnas, foi mencionado em alguns textos condenatórios presentes no semanário. O principal motivo das reclamações era a nudez com que os banhistas se expunham. A mensagem veiculada no ano de 1937, foi inequívoca: “Pessoas residentes nas imediações do Tanque Novo vieram se queixar de que indivíduos desrespeitadores da moral pública costumam ir banhar-se inteiramente despidos naquele manancial, o que está a merecer da salutar repressão” (FOLHA DO NORTE, 1937).

Um texto escrito pelo jornalista e romancista Juarez Bahia, explicitou a falta de assistência por parte do poder público ao bairro. Para o autor, tanto a ausência como a presença da gestão municipal da época contribuíam para dificultar a vida dos moradores da localidade: “além do desleixo dos responsáveis pela miséria do povo, outra grande falta conhecemos em Baraúnas: os perpétuos buracos feitos por ordem “superior”. E que profundos buracos!” (BAHIA, 1947).

Ao descrever os habitantes do bairro, Juarez Bahia afirma: “moram nesse subúrbio dezenas de pessoas pobres. Habitam-no, já se ver, todas as crucidades da vida”. O esquecimento e falta de amparo expostos foram uma tentativa de denunciar a situação de calamidade do bairro.

Encontramos nos escritos de Juarez Bahia elementos que ajudam a entender conexão produzida, nas páginas de jornais, entre o ambiente de pobreza e a criminalidade. Uma vez que boa parte das matérias que se referiam ao bairro não tematizaram os problemas sociais enfrentados pelos habitantes do subúrbio, mas produziram esforços para demonstrar o quão carente de repressão e presença policial eram os moradores da Baraúnas.

O Folha do Norte publicou, em 1924, uma notícia garantindo que o então delegado de polícia, e futuro prefeito, Heráclito Dias de Carvalho, agiria “energeticamente contra indivíduo que, às vezes, em plena luz meridiana, se banham no Tanque Novo” (FOLHA DO NORTE, 1924). A campanha do jornal contra os banhistas do tanque, não cessou de imediato, no ano seguinte uma chamada alarmante afirmava que o Tanque Novo havia sido transformado em “banheiro público” (FOLHA DO NORTE, 1925).

A expressão é parte de um jargão que se pretendia impor. O banho à luz do dia estava em desacordo com a moral vigente desde a época do Código de Posturas de 1893. Entretanto, a expressão “banheiro” revisita o imaginário de um espaço ideal e privado, onde deveriam ser feitas as necessidades vistas como íntimas, o que incluía o banho. A ordem que o jornal pretendia impor só seria possível com a ação ostensiva



da polícia contra os faltosos, por isso a polícia é evocada em todas as matérias do tipo.

Tanto a prática do banho, como a repressão da população negra, que frequentemente se lançava nas aguadas urbanas, foram notadas por João José Reis na cidade de Salvador, em meados do século XIX. Para o autor, ao proibir o banho sem vestes, o código de postura vigente apontava para a população negra, que mais se valia das águas públicas para o banho despido, sobretudo considerando as dificuldades materiais para a reposição de roupas e a cultura de muitos dos africanos que tinha a nudez como algo comum (REIS, 2019, p. 33).

O Código de Posturas do município de Feira de Santana (publicado em 1893), e as chamadas jornalísticas pretendiam modificar atividades de lazer culturalmente praticadas, sobretudo pela população pobre e negra. Seria muito difícil combater um costume tão arraigado no modo de vida dos trabalhadores. Mas a eleição desta prática como potencial alvo de investidas policiais, também diz sobre como os editores do jornal, com certo apoio de gestões anteriores e da época, tentaram controlar os corpos da população pobre no solo da cidade.

Nas proximidades do Tanque Novo, ficava a Lagoa do Prato Raso, também encravada num subúrbio da cidade, a Queimadinha. Numa longa matéria com o título de “Repressão à vadiagem”, o periódico chamou atenção para os “garotos, de parceria com vagabundos adultos” que afluíam para a lagoa:

E agora que a Lagoa do Prato Raso está a sangrar, por motivo das contínuas chuvas, eles se transformam em aquáticos e para ali afluem, banhando-se em completa nudez, o que impede que as mulheres que residem nas vizinhanças vão ali lavar ou se prover d’água (FOLHA DO NORTE, 1926)

O trecho em destaque permite perceber a diversidade de usos propostos para o ambiente da lagoa, que abrigava tanto o trabalho das mulheres como a diversão de crianças e adultos.

O discurso moral usado para combater os banhos nos mananciais estava em completa consonância com os embates travados à época. A proteção da honra feminina contra os ultrajes praticados pelos vadios, era a justificativa perfeita para a tão pautada repressão aos banhistas.

A grande circulação de pessoas é um fator que marca tanto a Lagoa do Prato Raso como o Tanque Novo, não apenas pelo elevado volume de pessoas residentes nos bairros antigos e cada vez mais povoados, mas por ficarem próximos de umas das principais vias de acesso à cidade, a estrada que leva a São José das Itaporocas,



atual distrito de Maria Quitéria.

A tentativa de repressão dos banhos tinha muito a ver com os movimento de imposição de ordens social, racial e de gênero nas quais o controle dos corpos pobres e negros era uma premissa básica. Embora perseguidos, os banhos continuaram a ser praticados em diversos lugares da cidade. Em 1963, o afogamento do jovem Antônio de Almeida Braga trouxe à tona elementos da cultura dos trabalhadores pobres.

O caso acontece na Lagoa do Subaé e envolveu seis rapazes, todos menores de idade. Eles se preocuparam com a preparação de uma fatada, aquisição de meio litro de jurubeba e uma carteira de cigarros, numa venda próxima à lagoa. A testemunha João de Oliveira, vulgo Manguá, disse ter consumido no local “uma suquita e um pão com manteiga”. Antes de entrar na água, diversos dos rapazes presentes tomaram um ou mais goles da bebida e quem se sentiu à vontade, se lançou à água (CEDOC/UEFS, E: 03; Cx: 83; Doc: 1607, 1963).

Entre os presentes, havia trabalhadores de diferentes categorias como barbeiro, pedreiro, ajudante de pedreiro, comerciário e ajudante de marceneiro. Os locais de residência são variados, sendo eles: Brasília, Olhos D’água, Ponto Central e Estrada das Boiadas, todos subúrbios da cidade. A menção à cor também foi diversa, a mãe da vítima foi identificada como branca e a vítima como parda, as outras testemunhas foram descritas como branca, parda, morena e preta, sendo os não-brancos maioria entre os presentes na lagoa.

As entradas e saídas da água foram descritas pela testemunha Edson Ferreira da Silva, apelidado de seu Dinho, como parte da atividade de descontração: “Antônio após se molhar, saiu da lagoa, retornando à margem, onde ficou uns dez minutos tomando banho de sol, que, após este espaço de tempo, Antônio tornou a se atirar na lagoa”. Numa dessas entradas aconteceu a fatalidade do afogamento.

Os elementos do processo, apontam para a existência de relações de conhecimento e cumplicidade entre a maioria dos presentes, como também para relações de trabalho, lazer e sociabilidades de jovens pobres. As águas foram parte importante desse cenário de possibilidade de recreação, tanto que inspirou a organização de elementos preparatórios e complementares a atividades que dizem muito sobre a rotina alimentar, de trabalho e de lazer dos trabalhadores da época. Portanto, houve reiteradas formas de resistência da população pobre em manter vivo o costume dos banhos em mananciais públicos na primeira metade do século XX. Uma das poucas e mais tradicionais formas de lazer popular, teve sobrevivida no campo e na cidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas e intencionalidades dos banhos nos mananciais de Feira de Santana variaram muito. Enquanto elementos da cultura local, os banhos foram lugar de disputas sociais no que diz respeito à afirmação de identidades de classe, raça e gênero. A maneira e o lugar onde eram praticados dizia muito sobre os sujeitos em questão e estava longe de ser um elemento estático no cotidiano do município. Nos subúrbios da cidade, os tanques estavam estreitamente relacionados com a cultura dos trabalhadores pobres, sendo também espaço para diversas atividades de lazer. Mas parte das elites locais pretendia modificar essa forma de relação da população com o espaço.

Houve, na primeira metade do século XX, um processo de tencionamento de antigos costumes dos usos das águas. Tanto na cidade, como no campo, tentava-se impor uma nova racionalidade produtiva que pretendia a civilização das práticas urbanas e a racionalização dos usos das águas para a atividade produtiva no meio rural. A alternativa a esse processo a resistência da população pobre em abandonar os hábitos do banho nos mananciais. O que demonstra que, enquanto prática de lazer, os banhos não eram algo de menor importância na vida dos trabalhadores pobres.

## REFERÊNCIAS

A POLÍCIA não permite banhos no tanque novo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 26 de abril de 1924. nº 733. MCS/ CENEF.

ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da terra**: conflitos no campo na terra de Lucas, 1900- 1920. – Feira de Santana. UEFS Editora, 2019.

ARAUJO, Natane Brito. **Memórias (Quase) Póstuma da Lagoa Subaé**, Feira de Santana-Bahia (1970-1917). Dissertação (mestrado em Modelagem) - Programa de Pós-Graduação em Modelagem, Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

BAHIA, Juarez. Baraúnas, subúrbio esquecido. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 22 de março de 1947. BSMG/MCS/UEFS.

BANHAM-SE no tanque novo em completa nudez. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 10 de abril 1937. BSMG/MCS/UEFS.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e boteco**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. – 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012;

DESABAMENTO, ferimento e morte. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 22 de agosto de 1942. nº 1728. MCS/CENEF.



DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** - 2 Ed. - São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

FAZENDA papagaio. **Folha do Norte.** Feira de Santana, 8 de janeiro de 1948. nº 2061. MCS/CENEF.

FERREIRA, Antônio Moreira. **A Feira do século XX.** – Feira de Santana: Editora Talentos, 2006.

FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da liberdade:** histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **O Descoroamento da princesa do sertão:** de “chão” a território, o “vazio” no processo da valorização do espaço. Tese (doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

GOMES, Pedro Alberto Cruz de Souza. **Da partilha ao comércio:** sociabilidades, usos e conflitos nos mananciais de Feira de Santana (1900-1957). Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2023.

INQUÉRITO. Vítima, Antônio Almeida Braga. Réu, Valdemar de Souza. **Processo-Crime de Afogamento/Homicídio.** Feira de Santana. 1963. E: 03; Cx: 83; Doc: 1607. CEDOC/UEFS.

JORGE, Janes. Tietê - **O rio que a cidade perdeu 1890-1940.** – São Paulo: Secretaria do Verde e Meio Ambiente, 2017.

LAMENTÁVEL ocorrência num dos poços do Jacuípe. **Folha do Norte.** Feira de Santana, 26 de outubro de 1940. nº. 1633. MCS/CENEF.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **O ruralismo brasileiro (1988-1931).** – São Paulo: Hucitec, 1997.

OCORRÊNCIAS policiais. **Folha do Norte.** Feira de Santana, 10 de março de 1945. nº 1862. MSC/CENEF.

OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira. **Canções da cidade amanhecendo:** Urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Salvador: Edufba, 2016.

REIS, João José. **Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 33.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. A função ideológica da brecha camponesa. In: **Negociação e conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. – São Paulo: Companhia das letras, 1988.

REPRESSÃO à vadiagem. **Folha do Norte.** Feira de Santana, 27 de fevereiro de 1926. nº 866. MCS/ CENEF.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira. **Diversões e civilidade na Princesa do Sertão (1919 -1946).** Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012.

SILVA, Andréa dos Santos Teixeira. **Entre a casa de farinha e a estrada Bahia-Feira:** experiências camponesas de conflito e sociabilidades na garantia da



sobrevivência, Feira de Santana (1948-1960). Dissertação de mestrado em história/PPGH/UFBA. Salvador, 2008.

SILVA, Mayara Plácido. **Experiências de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890-1930)**. Dissertação (mestrado em História), – PPGH, Universidade Estadual de Feira Santana, Feira de Santana, 2012.

SUMÁRIO. Réu, Luiz Bezerra da Silva e outros. Vítima, Maria Ester de Brito. 1952. **Processo Crime de Homicídio Qualificado**. E: 04; Cx: 110; Doc: 2284. CEDOC/UEFS.

SUMÁRIO. Réu, Antônio de Mattos. Vítima, Sabino Gonçalves de Jesus. 1939-1940. **Processo Crime de Lesão corporal**. E: 05 Cx: 125 Doc: 2472. CEDOC/UEFS.

SUMÁRIO. Vítima, Pedro Cerqueira da Silva. 1902. **Processo Crime de Afogamento**. E: 02 Cx: 45 Doc: 753. CEDOC/UEFS.

TANQUE novo transformado em banheiro público. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 28 de março de 1925. nº 781. MCS/CENEF.